



## Lacuna teórica do Meio de Comunicação: análise da relação termo-conceito-argumento em periódicos nacionais<sup>1</sup>

Amanda Luiza S. PEREIRA<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Daniel Costa de PAIVA<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, RJ

### Resumo

Partindo do racionalismo crítico, admite-se a reflexão teórica como centro da problematização e, portanto, da investigação científica. Especificamente no âmbito da comunicação, a diversidade tem sido objeto de variados estudos que debatem questões epistemológicas e teóricas. Observando as discussões deste contexto, chegou-se ao entendimento de que o esclarecimento de Meio de Comunicação se faz necessário. Assim, o artigo apresenta um levantamento que abarcou textos de 29 periódicos nacionais, buscando relações entre termo, conceito e argumentos. Apesar do recorrente uso do termo “meio” relacionado a “comunicação” (560 artigos em um período de cinco anos), em 2% dos textos havia referencial teórico pertinente a “meio” e em menos de 1% houve demonstração da sua utilização associada com supostos sinônimos de meio de comunicação.

**Palavras-chave:** ciência; epistemologia; teorias da comunicação.

### Introdução

Tal como propõe Lopes (2005) as instâncias que permeiam a investigação científica possuem uma estreita relação de modo que, as posições e escolhas realizadas em uma delas influencia as outras, demandando adequações de diversas ordens.

Neste artigo, a posição do racionalismo crítico tomada como ponto de partida orienta as breves pontuações epistemológicas realizadas em *Problema e teoria: sobre a relação entre as questões epistemológicas e a diversidade teórica*.

Sequencialmente, no item *A posição epistemológica e a resolução teórica: a lacuna conceitual de meio de comunicação* são abrangidos textos de autores (BRAGA, 2011;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (POSCOM/UMESP), bolsista taxa CAPES/PROSUP, membro do Grupo de pesquisa Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (TECCCOG), email: amanda.luiza@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP) com bolsa FAPESP. Líder do Grupo de pesquisa Tecnologia, Educação e Cognição (TEC), e-mail: profdanielpaiva@gmail.com

MARCONDES FILHO, 2011; MARTINO, 2008; MARTINO, 2014; RÜDIGER, 2014) que têm discutido acerca dos problemas de ordem epistemológica e teórica no domínio da Comunicação, tendo como eixo das reflexões o consenso sobre a existência de elevada diversidade teórica.

Em *Análise conceitual de meio de comunicação: mecanismos e tratamento de dados* é apresentado o estudo em andamento desde 2015 que, coletando artigos indexados em plataformas digitais e publicados em âmbito nacional em um período de cinco anos, visou identificar o uso de conceito e respectivos argumentos relacionados ao termo “meio de comunicação”.

Este texto é finalizado em *Considerações finais* e pela apresentação das referências bibliográficas.

### **Problema e teoria: sobre a relação entre as questões epistemológicas e a diversidade teórica**

Partindo do viés do realismo, em especial do racionalismo crítico, há neste texto enfoque na dimensão endógena das questões relativas à pesquisa científica, justificadas aqui por duas ponderações: em primeiro lugar, apesar da importância de aspectos extralógicos (históricos, sociológicos, econômicos, políticos etc.) no desenvolvimento e na prática da Ciência, admite-se como ponto de partida um nível mínimo de autonomia do conhecimento científico. Em segundo lugar, alargar a reflexão para discussões também extralógicas neste espaço implicaria em demasiada superficialidade em ambas dimensões.

Na perspectiva do racionalismo crítico, a investigação científica só pode ser iniciada com um Problema de pesquisa que é, por seu turno, delimitado por teorizações, as quais são pertinentes a um determinado domínio científico e, por conseguinte, indicam as problemáticas e explicações que nele cabem:

[...] o conhecimento não começa com percepções ou observações ou com a recompilação de dados ou de fatos, senão com *problemas*. Não há conhecimento sem problemas – mas tampouco há problema sem conhecimento. Quer dizer que este começa com a tensão entre saber e não saber, entre conhecimento e ignorância: nenhum problema sem conhecimento – nenhum problema sem ignorância. Porque todo problema surge do descobrimento de que algo não está na ordem do nosso saber atual, ou logicamente considerado na descoberta de uma contradição interna entre o nosso suposto conhecimento e os supostos fatos (POPPER, 1973, p. 102, grifo do autor, tradução nossa).

Pensar sobre o “suposto conhecimento” acerca de algo no domínio da Comunicação suscita a pergunta “Quais são as Teorias da Comunicação?”, para responder, aqui se opta por considerar o seguinte contexto:

[...] As teorias da comunicação que dispomos não procedem à sistematização da área, no sentido de fazer convergir suas teses e proposições. A pergunta que se deve fazer, porém, é: por que deveriam? O raciocínio precede como se a sistematização, no sentido da confecção de uma “teoria geral” ou da explicitação de um “princípio unitário” fosse não apenas desejável e possível, mas indispensável à sobrevivência acadêmica e intelectual dos estudos de mídia. O fato, no entanto, é que não é assim: o campo acadêmico da comunicação surgiu e vem prosperando à revelia dessa exigência, que pode interessar e ser esperada pela filosofia da ciência, mas não é necessária para ajuizar os resultados de suas pesquisas e, mesmo, manter uma comunidade acadêmica [...] (RÜDIGER, 2014, p. 405).

Admitir que um campo acadêmico surgiu e prosperou independentemente da convergência de proposições não desqualifica a demanda de compreender e, por conseguinte, organizar as teorias seja para elaborar e avaliar problemas identificados ou mesmo para analisar os resultados das pesquisas, uma vez que tal tarefa depende, necessariamente, de parâmetros devidamente justificados.

Em razão disso, investigações acerca da delimitação das teorias da comunicação são referências constantes em pesquisas de pós-graduação, desde Craig (1999) que aponta para sete tradições para a constituição do domínio (retórica, semiótica, fenomenológica, cibernética, sociocultural, teorias crítica e social), até os estudos de Luís Mauro Sá Martino (2008) e Luiz Claudio Martino (2008), por exemplo, incluindo recentemente um debate proposto por Boaventura e Varão (2016) sobre das posições de Robert Craig e Luiz C. Martino.

Considerando a identificação de maior variação quantitativa, remete-se ao estudo de Bryant e Miron (2004) que abrangeu 25% do conteúdo dos periódicos *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Journal of Communication* e *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, identificando 604 diferentes teorias/vertentes de Comunicação. É perceptível o alto valor, seja devido aos 25% avaliados, ao número de periódicos considerados ou ao campo de estudo.

Autores que apresentam uma reflexão endógena desta diversidade apontam, dentre outras coisas, para a origem epistemológica da questão: Marcondes Filho (2001, p. 170) aponta que mesmo amplamente tomada como temática, “[...] ninguém se pergunta o que é, em última análise, comunicação” e Braga (2011) também critica o tratamento da comunicação como um tema ao invés de um enfoque disciplinar.

De modo geral, trata-se da supressão do enfoque comunicacional como apontado por Luiz C. Martino em diversos textos, pelos autores acima mencionados (BRAGA, 2011; MARCONDES FILHO, 2011) e por Carvalho (2014), especificamente no que tange a comunicação como tema e a sociedade como objeto:

É possível afirmar que desde os primeiros estudos sobre o campo comunicacional, hoje considerados clássicos, uma compreensão sobre a sociedade esteve implícita. Estivessem situadas no campo dos estudos administrativos ou críticos, na proposição de Mauro Wolf (1994), – compreendidos por Umberto Eco (1970) a partir da denominação integrados ou apocalípticos – as pesquisas pioneiras sobre a comunicação em sua vertente preocupada com os “efeitos” da ação das mídias e seus conteúdos sobre o social já lidavam com as interconexões comunicação/sociedade. Em que pesem as diferenças de enfoque entre duas perspectivas teóricas e metodológicas tão distintas, a propósito, é claro que ambas concordavam em um ponto crucial: a comunicação exerceria um papel decisivo na conformação das ações individuais e coletivas. Contraditoriamente, no entanto, a compreensão da comunicação nessas pesquisas, salvo engano, sempre esteve ligada a uma clara hierarquia: compreender a comunicação exige antes descrever a sociedade na qual ela está inserida, contradição que se avoluma pela confusão então gerada, pois se a comunicação impõe-se ao social e a ele subjuga com seus conteúdos, não restaria muito da sociedade a ser buscado como traços presentes nos produtos e processos comunicacionais, mas antes, os “modelos” impostos pela comunicação agindo como deterioradores do social e das relações nele instituídas, na visão crítica, ou moldando-o segundo comportamentos desejáveis, na perspectiva administrativa [...] (CARVALHO, 2014, p. 132-133).

Reconhecendo a relação entre a reflexão epistemológica e as resoluções teóricas propostas (BRAGA, 2011; MARCONDES FILHO, 2011; MARTINO, 2008, 2013), se entende aqui que é preciso estabelecer as duas posições, abordadas no próximo item, as quais norteiam a proposta.

### **A posição epistemológica e a resolução teórica: a lacuna conceitual de meio de comunicação**

No artigo intitulado *A disciplinarização da Epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação*, Luis Mauro de Sá Martino (2014) indica duas saídas que considera mais relevantes (Comunicação a partir de meios ou de processos) que dependem igualmente do esclarecimento de meio de comunicação seja para tomá-lo como aspecto central, seja para refutá-lo.

Em 2014, Francisco Rüdiger realizou uma série de considerações acerca da posição epistemológica-teórica de Luiz C. Martino no texto *Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica*, no qual entende que:

Martino deseja, em resumo, algo simples e razoável, que a pesquisa em comunicação, entre os que fazem parte administrativamente dos setores acadêmicos

agrupados com o rótulo, se reduza a estudos de mídia (Martino, 2001a). Acreditamos estar de acordo com ele, quando subscrevemos a tese de que, em vez de comunicação, o tema mais central de nossos estudos são os fenômenos de mídia (Merrin, 2014, p. 107-115). Sua ingenuidade ou ilusão consiste em pensar que isto, entretanto, baste para justificar uma epistemologia e, assim, fundar uma nova ciência. A origem do pecado é o culto fetichista da palavra “comunicação”, lançada onde deveriam aparecer os termos mídia e estudos de mídia (RÜDIGER, 2014, p. 402).

Para o autor (2014, p. 403), é incoerente localizar disciplinarmente um aspecto teórico-conceitual (meio de comunicação) partindo de um debate epistemológico porque “[...] só tem necessidade desde o ponto de vista de quem analisa filosoficamente a atividade científica. O pesquisador mesmo pode desconhecê-la, sem que isso importe necessariamente em prejuízo. A falta pode ou não acarretá-lo, porque, como tal, aquele primeiro está, em essência, engajado noutro tipo de tarefa” (RÜDIGER, 2014, p. 403).

A objeção de Rüdiger (2014) possui relevância na medida em que distingue a questão epistemológica da teórica (ainda que o faça com prejuízo a interdependência inexorável das duas instâncias), visto que é da alçada da segunda a elaboração conceitual que assinala a diferença (ou não) de toda e qualquer comunicação daquela contextualizada pelos meios, ou seja, a formulação de um objeto:

Epistemologia da comunicação, na medida em que pode carregar rigor e propriedade filosófica como expressão, só pode significar estudo analítico, eventualmente histórico dos fundamentos teóricos e metodológicos que estruturam a pesquisa e a produção do conhecimento por parte dos investigadores dos chamados fenômenos de comunicação (mídia, mais frequentemente). Isto é, refere-se à análise das perspectivas teóricas e métodos de estudo dos quais lançam mão os estudiosos dos fenômenos ligados à imprensa, ao rádio, à televisão e a outros meios de comunicação. Confunde-a com a teoria aquele que lhe atribui a tarefa de definir o que é a comunicação enquanto objeto de pesquisa, visto que só aquela pode, legitimamente, construir seu conhecimento (RÜDIGER, 2014, p. 411).

Entretanto, a solução do autor (2014) aponta para a prevalência das questões extralógicas, sendo o trabalho epistemológico restringido ao levantamento das produções científicas, cujos critérios de delimitação seriam pautados, com exclusividade, pelas práticas dos pesquisadores.

Constitui-se então uma objeção cética, que não responde ao objetivo (ou justificação) da Comunicação, porque ignora que para além dos objetivos individuais (ou políticos, sociais, econômicos etc.) dos pesquisadores, trata-se de como melhor explicar e realizar o exercício científico (OKASHA, 2002).

Considerando as objeções de Rüdiger (2014) e o que foi abarcado na Introdução deste texto, há duas pontuações importantes. Primeiro, sobre o posicionamento epistemológico assumido que, partindo do racionalismo crítico, necessariamente refuta o ceticismo sobre o conhecimento científico e, tal como sustenta Okasha (2002), aponta para a direção da busca por melhores explicações e opções (de ordem epistemológica, teórica, metodológica ou técnica) para o exercício científico.

Além disso, do ponto de vista teórico, a identificação do não esclarecimento de Meio de Comunicação como um obstáculo conceitual na medida em que diferentes posicionamentos epistemológicos (como, por exemplo, Martino e Rüdiger) e diferentes indicações teóricas (BRAGA, 2011; MARCONDES FILHO, 2011).

A fim de elucidar a utilização de “meio de comunicação” nas pesquisas em âmbito nacional, na primeira etapa de um estudo que ainda está em andamento foi realizado um levantamento (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015) em 29 periódicos brasileiros entre janeiro de 2010 e abril de 2015, formando um *corpus* de 560 artigos que relacionavam o termo “meio” à “comunicação”. Em menos de 2% dos textos em que o termo era relevante para a indexação do artigo era possível identificar um referencial claramente.

A lacuna produzida pela ausência de explicações acerca de “meio de comunicação” e, por conseguinte, de esclarecimentos sobre os parâmetros que justifiquem suas inúmeras utilizações reforça as dificuldades de ordem epistemológica e teórica que ficaram evidentes desde Craig (1999).

Tendo em vista a quantidade de dados que levantamentos deste nível identificam, à exemplo das 604 diferentes teorias percebidas por Bryant e Miron (2004) apesar de limitarem-se a 25% do conteúdo de três periódicos abrangidos, uma análise detalhada e satisfatória demanda utilização de mecanismos que viabilizem, no mínimo, a automatização de partes do processo. Pelos altos valores, trata-se de algo relevante e necessário, objeto desta proposta.

### **Análise conceitual de meio de comunicação: mecanismos e tratamento de dados**

Considerando o cenário de diversificação, nesta seção está apresentado o pré-teste como uma opção analítica com ênfase nos conceitos de modo que, realizando levantamentos baseados nas especificações computacionais dos indexadores, busca-se por termos e suas respectivas explicações com vistas a identificar e avaliar sobreposições e

consistência conceituais-argumentativas. A relação entre conceitos e a delimitação de argumentações se mostra viável.

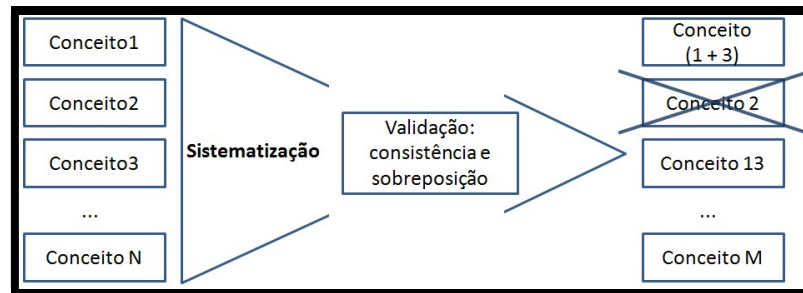


Figura 1: Proposta de sistematização por identificação de sobreposição e consistência

A pertinência de reflexões sobre as possibilidades de dar conta de dados disponíveis digitalmente tem sido articulada especialmente por pesquisadores que desenvolvem investigações voltadas às redes sociais digitais tais como Lima Junior (2011) e Caetano (2015).

Alguns desafios dos estudos relativos às redes sociais digitais se aproximam daqueles identificados neste estudo, em particular no que tange técnicas de coleta, armazenamento e correlação de dados (LIMA JUNIOR, 2011; CAETANO, 2015).

Por outro lado, especificidades deste levantamento como, por exemplo, a dinâmica dos indexadores e as relações termo-conceito-argumento, delimitam as opções metodológicas em uma intersecção entre Lógica, Ciência da Informação e Ciência da Computação.

A opção aqui proposta não visa a análise direta das teorias, estando localizada em um ponto anterior, de identificação dos conceitos e avaliação dos argumentos que os conformam (parte inferior na Figura 2).

Toma-se por conceito algo que é representado por um ou mais termos e que é indicado por uma expressão (predicado), a qual define os requisitos de sua aceitação. Dessa forma, implica reconhecer a justificção de sua aplicação e compreender as consequências reflexivas da mesma (BLACKBURN, 1997; BUNGE, 2012).



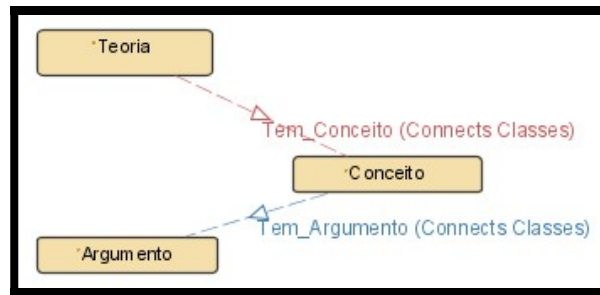


Figura 2: Conformação teórica

A Figura 2, elaborada com os pressupostos definidos em Gruber (1993), representa ainda que uma teoria é constituída por um ou mais conceitos, fundamentados por um ou mais argumentos<sup>4</sup>. Na representação, optou-se por um catálogo de tipos que se assume existir na área de interesse (SOWA, 1999).

A proposta aqui é, partindo dessas relações, utilizar o conjunto de argumentos relativos a cada conceito que compõe uma dada teoria para verificar sua necessidade e adequação (CUI; TAMMA; BELLIFEMINE, 1999). De modo visual, na Figura 3, está incluída a relação teoria-argumento, a qual chamou-se de *Tem\_Argumento*. Destaca-se que dados relativos a eles estão especificados quando se define um Conceito e, portanto, a nova relação implica na reutilização e posterior verificação, com finalidade de análise e proposta de ajuste, caso alguma inconsistência lógica seja identificada.

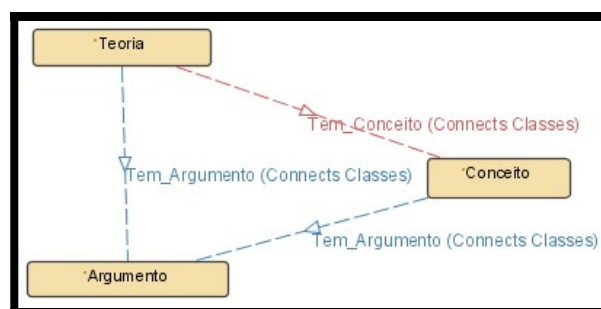


Figura 3: Opção analítica proposta – teoria\_argumento

De forma a exemplificar a aplicação do modelo proposto, retoma-se os dados apresentados em (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015) e o *corpus* de 560 artigos extraídos de 29 periódicos brasileiros entre janeiro de 2010 e abril de 2015.

Observando que Guarino (1998) destaca a relevância de se utilizar uma teoria lógica que descreve o significado pretendido para um vocabulário formal, por exemplo, seu

<sup>4</sup> Tomando como base a Lógica, os argumentos podem ser classificados quanto ao seu papel na formação do conceito e na Teoria e quanto a qualidade de suas articulações.



compromisso ontológico com uma conceitualização específica do mundo, buscou-se estabelecer o grau de formalidade (USCHOLD; GRUNINGER, 1996) e verificar textualmente a viabilidade, necessidade e adequação.

Foi possível perceber que apenas 2% dos textos, os quais tratam principalmente da Teoria do Meio, explicitavam o referencial com argumentos vinculados aos termos.

Em menos de 1% dos casos havia algum tipo de descrição do uso do termo e, em todos esses, tratavam-se de explicações que dependiam de associações com termos correlatos (veículo, mídia eletrônica etc.) para a compreensão do contexto de uso.

Na maior parte dos textos o termo “meio” relacionado a “comunicação” é associado a Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), Mídia digital ou social e veículo<sup>5</sup>. Embora muitas vezes implicados como centrais para as preocupações dos artigos, a temática é explicitada por termos com prevalência na indexação resumidamente categorizados como política (fundamentalmente política pública) e tecnologia (comunicação em suas relações com a tecnologia).

### **Considerações finais**

Diante da proeminência da teorização para a compreensão das questões relevantes em um determinado domínio científico e da diversidade teórica identificada em variados estudos (CRAIG, 1999; BRYANT; MIRON, 2004; MARTINO, 2014; MARTINO, 2008), foi estabelecido o posicionamento de que as diferentes decisões teóricas disponíveis no domínio da Comunicação demandam, seja para admitir ou refutar, o esclarecimento de Meio de Comunicação.

Em razão disso, este trabalho propõe uma abordagem com ênfase nos conceitos, buscando-se por relações específicas entre termos (“meio” relacionado a “comunicação”) e suas respectivas explicações dentro de um determinado texto, para identificar e avaliar tanto sobreposições, quanto consistência conceitual-argumentativa.

Para viabilizar esse levantamento, particularmente observando as dinâmicas computacionais dos indexadores, recorreu-se à solução que implica na intersecção entre Lógica, Ciência da Informação e Ciência da Computação para resolver aspectos de natureza técnica do estabelecimento de relações entre termos e argumentos para a identificação de conceito (CUI; TAMA; BELLIFEMINE, 1999; GRUBER, 1993; SOWA, 1999).

---

<sup>5</sup> As variações que retornaram como resultado são intrínsecas ao funcionamento dos indexadores como, por exemplo, indistinção entre singular e plural.

Tal solução foi aplicada em continuidade ao levantamento realizado anteriormente (PEREIRA; OLIVEIRA, 2015) e, por isso, abrangendo 560 artigos de 29 periódicos brasileiros, no período de janeiro de 2010 a abril de 2015.

Diante dos resultados, confirma-se o não esclarecimento de “meio de comunicação”, poucas vezes vinculado claramente a referenciais teóricos (2%, quase todos indicando Teoria do Meio), bem como a ambiguidade nas escassas descrições (menos de 1%), casos em que a compreensão da utilização de “meio de comunicação” só se realizou a partir de associações com termos tratados como sinônimos ou como parte de uma mesma categoria, sem com isso estabelecer o parâmetro das relações.

## REFERÊNCIAS

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski; VARÃO, Rafiza. Uma bifurcação na estrada: Robert Craig, Luiz C. Martino e a fundamentação do campo da comunicação. **GT de Epistemologia da Comunicação - Compós**, Goiás, 2016. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2016\\_3362.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2016_3362.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2016.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, Unisinos, São Leopoldo, v. 25, p. 62-77, 2011.

BRYANT, Jennings; MIRON, Dorina. Theory and research in mass communication. **Journal of Communication**, vol. 54, dez./2004, p. 662-704.

BUNGE, Mario. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CAETANO, Liliane Moiteiro. Epistemologia e práxis: redes sociais digitais e dados primários na pesquisa em comunicação. **DT Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação – XIV Ibercom**, São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12685419/Epistemologia\\_e\\_pr%C3%A1xis\\_redes\\_sociais\\_digitais\\_e\\_dados\\_prim%C3%A1rios\\_na\\_pesquisa\\_em\\_comunica%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/12685419/Epistemologia_e_pr%C3%A1xis_redes_sociais_digitais_e_dados_prim%C3%A1rios_na_pesquisa_em_comunica%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 14 jul. 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto. A comunicação como metáfora para a compreensão do social. **Líbero**, v.17, n. 34, p. 131-144, 2014.

CRAIG, Robert T. **Communication Theory as a Field**. *Communication Theory*, v. 9, n. 2, p. 119–161, 1999.



CUI, Z.; TAMMA, V. A. M.; BELLIFEMINE, F. Ontology management in enterprises. **BT Technology Journal**, v. 17, n. 4, p. 98-107, out. 1999.

GRUBER, Thomas R. A translation approach to portable ontologies. **Knowledge Acquisition**, v. 2, n. 5, p. 199-220, 1993.

GUARINO, Nicola. Formal ontology and information systems. **IOS Press**, Amsterdam, p. 3-15, jun. 1998.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Neofluxo: Jornalismo, base de dados e a construção da esfera pública interconectada. **Galáxia**, São Paulo, n. 21, p. 137-149, jun. 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro J. R. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e submissão política. Uma discussão com José Luiz Braga. **Matrizes**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 5, p. 169-178, 2011.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 36, p. 111-117, ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós, **GT de Epistemologia da Comunicação - Compós**, Pará, 2014. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/luismaurocompos2014\\_2214.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/luismaurocompos2014_2214.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2016.

MARTINO, Luiz Cláudio. O campo da comunicação e suas teorias. In: KÜNSCH, D. A.; BARROS, L. M. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p. 13-33.

\_\_\_\_\_. Os Meios da História: como se escreve a história da comunicação? , **GT Teorias da Comunicação – XXXVI Intercom**, Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1747-1.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

OKASHA, Samir. **Philosophy of Science: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

PEREIRA, Amanda Luiza S.; OLIVEIRA, André Rosa. Comunicação e Ciência: definição de Meio como elemento para distinção do domínio. **GT Comunicação, Filosofia da Tecnologia e Filosofia da Mente – EITCCC**, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: <<http://www.anais.tecccog.net/index.php/anais/article/view/39/53>>. Acesso em: 14 jul. 2016.



POPPER, Karl Raimund. La lógica de las ciencias sociales. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund et. al. **La disputa del positivismo en la Sociología Alemana**. Barcelona: Grijalbo, 1973, p. 101-120.

RÜDIGER, Francisco. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. **Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 395-417, mai./ago. 2014.

SOWA, John. F. Building, sharing and merging ontologies. **Tutorial**, 1999.

USCHOLD, M.; GRUNINGER, M. Ontologies: Principles, methods and applications. **Knowledge Engineering Review**, v. 11, n. 2, p. 93-155, fev. 1996.